

# Notícias Africanas

Quarenta e nove novos deputados — de ontem

## UNITA chegou com a família

PUBLICO, 18-3-97

Do nosso enviado  
Pedro Rosa Mendes  
em Luanda

A ponte aérea não foi completa: 49 deputados e quadros da UNITA chegaram ontem a Luanda, em dois voos. Houve calor a mais no hangar. Higinio Carneiro, "obviamente", não estava contente.



Quarenta e nove deputados da UNITA

TA — sem haver certeza absoluta deste número — e dois membros indigitados do futuro governo chegaram ontem a Luanda provenientes do Bailundo. Higinio Carneiro, representante do Governo angolano na Comissão Conjunta (CC) e que recebeu o grupo, não comentou a chegada dos homens do Galo Negro, mas não escondeu o seu descontentamento: "Obviamente, não estou contente".

Higinio Carneiro, porta-voz da delegação governamental na CC, deixou cair o comentário momentos após a chegada do segundo grupo de deputados da UNITA. Outras declarações do general, só mais tarde, "depois de reunir com a delegação da UNITA".

Os elementos da UNITA chegaram a conta-gotas. Um C-130 das Nações Unidas aterrou com um primeiro grupo às 14h50 no aeroporto de Belas, onde se situa o hangar da Unaven III (Missão de Verificação da ONU em Angola). Nesse pri-



Primeiro grupo de deputados da UNITA que ontem chegou a Luanda; a unidade estava próxima?

meiro voo — atrasado três horas devido ao mau tempo no Bailundo — chegaram 29 deputados com as suas famílias, num total de oitenta pessoas. Num segundo voo, às 19h10, chegou um grupo mais pequeno, encabeçado pelo embaixador Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na CC. Continuam a faltar 21 dos setenta deputados que vão integrar a bancada da UNITA na Assembleia Nacional. Isaias Samakuva, que como todos os responsáveis da UNITA, Governo e Unaven foi poupado nas declarações, anunciou para "amanhã ou depois de amanhã (hoje e quarta-feira) a sua vinda para Luanda.

Entre o grupo proveniente do Bailundo estavam dois membros do futuro Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN): Vitorino Hossi, indigitado para a pasta do Comércio, e Fernando Heitor, indigitado vice-ministro das Finanças.

Carlos Fontoura foi um dos que chegaram com o primeiro grupo. "Sinto um orgulho enorme em participar no parlamento e uma vontade muito grande em fazê-lo em representação da UNITA", afirmou à saída do avião.

Com ele viajaram Milu Tonga, que deverá ser o vice-governador do Cuanza Sul, e o deputado Almerindo Jaka Jamba (secretário da UNITA para a Cultura e Tradições Africanas).

O caos da tarde aconteceu na segunda chegada, quando um batalhão de câmaras e microfones fechou o círculo em torno das individualidades que receberam os deputados. Dois jornalistas protagonizaram uma cena de pugilato, perante a surpresa dos embaixadores da trióica de observadores (Portugal, Rússia e EUA) e do representante especial do secretário-geral da ONU, Alioune Blondin Beye, que pedia "calma, calma!". Perante os nervos da imprensa, alguém teve a ideia de fazer mover um enorme empilhador com uma paleta para a frente do local onde Beye e Samakuva iriam fazer as declarações. (A paleta era para possibi-

litar aos jornalistas ficarem mais "altos". Nova confusão.)

### Faltam "alguns acertos"

Samakuva agradeceu depois a "recepção calorosa" e explicou que "um ou outro deputado não veio por questões administrativas" e não deu a certeza do número dos que tinham chegado — apesar de ele próprio ter vindo num dos voos. "Esperamos que com este passo nós tenhamos avançado no processo de paz". Quanto aos membros indigitados para o GURN, "chegarão a Luanda depois de alguns acertos com a mediação e com o Governo". Na quinta-feira passada, Jo-

nas Savimbi anunciou no seu discurso que todos os 70 deputados do seu partido chegariam a Luanda entre sábado e ontem.

"A UNITA continua a pensar que seria muito útil para o GURN haver uma discussão prévia" do programa, acrescentou Isaias Samakuva, mas o partido de Jonas Savimbi tem esperança de que o MPLA "tenha em consideração" os seus "pontos de vista". "Cremos que o Governo vai ser flexível no ajustamento de pontos que ou não constam do nosso programa ou que estarão abordados de forma muito superficial no anteprojecto que nos foi apresentado". Segundo a Vorgan noticiou ontem, Samakuva é portador de um documento com algumas decisões do último revente reunião da Comissão Política da UNITA, realizada no Bailundo.

Não foi confirmada a data de tomada de posse dos deputados da UNITA — um partido ainda ilegal em Luanda —, que chegou a estar prevista para dia 20 (mas que depois se soube que nunca deveria ser antes de 24). "Maitre" Beye também apenas declarou que nada podia declarar e que estará hoje no Bailundo com Jonas Savimbi numa "missão de consulta".

O grupo que chegou ontem ficará instalado em várias residências e hotéis da capital, rodeados de medidas de segurança garantidas pelo Governo. Poucos saberiam ontem, ao certo, como será o seu primeiro dia em Luanda depois das eleições de Setembro de 1992 e do retorno à guerra um mês depois. Carlos Fontoura, pelo menos, sabe o que gostaria de fazer: "Tirar o passaporte e o bilhete de identidade. Não tenho qualquer tipo de identificação."

### cacimbos da paz

## O povo reclama

ALGUMAS PERGUNTAS para o primeiro-ministro angolano, França Van Dunem: "O senhor disse há tempos na TPA [Televisão Popular de Angola] que havia comida armazenada. Quando será posto à distribuição este comer? E que medidas tomará se, como já é hábito, isso for para o mercado paralelo? Disse também na televisão que deu crédito a empresários a 45 dias e que eles não pagaram. Que fez? Por último: houve recentemente um simpósio de cultura, em que o primeiro-ministro ou fez a abertura ou fez o fecho, e falou nos nomes grandes da canção angolana, mas esqueceu-se de um dos três maiores, Bonga."

França Van Dunem, provavelmente, não terá sequer que perder dois segundos com estas questões, porque não lhe foram feitas numa conferência de imprensa mas aos microfones de

uma rádio. "Livro de Reclamações", na LAC (Luanda-Antena Comercial), oferece diariamente, pela manhã, oportunidade de voz e desforra a um povo com poucas instâncias de apelo.

O povo aproveita. O povo que tem fome porque os salários da Função Pública não são pagos há três meses, o povo que participa em greves que não se sabe bem se existem (a TPA só falou da última greve quando foi para dizer que tinha acabado), o povo que lê nos jornais da semana passada que os ordenados estão enfim a pagamento, o povo que vai ao banco e é informado que "ainda há problema de liquidez".

Mas nem é sobretudo por dinheiro que o povo reclama, mas por todas as coisas que fazem do quotidiano, como diz o poeta Ruy Duarte de Carvalho, "um holocausto de energias". À cabeça: assuntos de água, luz e telefone têm lugar

cativo nas queixas feitas em directo no "Livro de Reclamações". Os administradores da EPAL, EDEL e Angola Telecom são diariamente invecitados na LAC (têm oportunidade de responder também em antena uma vez por semana, sexta à tarde). "As contas que nós temos que fazer até para lavar a cara", comentava ontem um ouvinte que paga "quinze milhões" (perto de 13 contos) para um camião cisterna lhe encher o reservatório com que substitui a água canalizada.

A luz, então... (No "dicionário alviriano", um conjunto de definições pedidas por um jornal ao artista plástico Fernando Alvim, "luz" é "o que não há"). Os cortes diários de electricidade, de tão banais, já nem chegam à LAC. O que chega são situações como a de um bairro que está sem luz há quase três semanas. "E ainda nem começa-

ram as chuvas a acrio, não se compreende..."

Em Luanda, um simples aguaceiro aumenta matematicamente a frequência e a duração dos cortes de energia. A chuva descobre outras fragilidades: "Choveu há três dias e já não temos sapatos nem tubos de escape nos carros. Está tudo alagado aqui no bairro Nelito Soares por causa de uma construção clandestina". O "Livro" da LAC recebe de tudo: a cerveja que "está adulterada", a policia aeroportuária "que se comporta como militares", a TPA que "pôs muito tarde a produção nacional na nova grelha de domingo", a escola que já custa caro e ainda pede "50 dólares aos pais para reconstruir as instalações".

O povo reclama? Não, o povo pede atenção: "Olhem-nos só um bocadinho. Nós estamos mal. O bairro está feio... Está? Está-me a ouvir? Estamos todos, sim. P.R.M.











Kofi Annan encontrou-se com Savimbi no Bailundo

PÚBLICO, 25-3-97

# Os vossos deputados voam?

Pedro Rosa Mendes  
no Bailundo

Savimbi recebeu Kofi Annan no seu quartel-general e para hoje o menu é o seguinte: todos os deputados em Luanda, também todos os membros do GURN (ou no máximo até amanhã), Assembleia Nacional completa. É, pelo menos, a refeição que Annan pretende tomar antes de deixar Angola. O galo da UNITA voa; e os deputados?



Jonas Savimbi e Kofi Annan anunciaram

para hoje a chegada dos restantes deputados da UNITA a Luanda e, entre hoje e amanhã, de todos os membros indigitados para o Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN) de Angola. Kofi Annan espera assistir, antes de partir, a uma sessão da Assembleia Nacional com representantes de todos os representantes.

"Vim com muita esperança e não fiquei desapontado", afirmou o secretário-geral das Nações Unidas depois de um encontro de meia hora com o presidente da UNITA no Bailundo (Huambo), o quartel-general do Galo Negro. Como



Kofi Annan ouviu, ontem no Bailundo, as novas promessas de Savimbi e saiu satisfeito

acontece sempre, o líder da UNITA não estava só: rodeavam-no figuras cimeiras do partido, de Abel Chivukuvuku a Lukamba Paulo Gato.

"Concordámos que todos os deputados devem estar amanhã [hoje] em Luanda para assumirem as suas funções antes da minha partida", explicou depois Kofi Annan. "Vou ter a oportunidade de falar perante o Parlamento com representantes das duas partes" do conflito angolano, acrescentou o secretário-geral da ONU. Savimbi deu também garantias a Annan de

que os membros indigitados para o GURN chegarão o mais tardar até amanhã, "o que possibilitará ao Presidente José Eduardo dos Santos marcar a data da posse" do novo executivo — que, em todo o caso, ninguém espera verdadeiramente que aconteça antes de Abril, até porque quinta-feira começam os feriados da Páscoa.

"O povo angolano sabe o preço da paz e o que custa viver sem ela", declarou Kofi Annan. Depois da curta conferência de imprensa dada na sede da UNITA — numa das

avenidas centrais da antiga vila de Teixeira da Silva —, Savimbi subiu com o visitante à varanda.

"O nosso galo voa!", gritava ao microfone um animador de chapéu de napa. "Bandeiras, bandeiras, bandeirinhasaaas! O nosso galo voa!". Os militantes estendiam os braços e abanavam as mãos imitando asas.

Entre eles e a casa-sede, um enxame de seguranças e vigilantes — incluindo fotógrafos que batiam chapas metódicas dos forasteiros e "jornalistas" que "filmavam" com as

oculares das câmaras tapadas — mexiam-se entre os quadros do movimento. "Trouxe o avião, vim buscar-te", brincava um oficial de ligação da UNITA com Rui Oliveira (representante do partido em Lisboa), que não está no grupo dos escolhidos para a Assembleia Nacional.

## Quem manda no Bailundo?

Savimbi, perante vários milhares de pessoas, apresentou Kofi Annan em ovimundu e deu-lhe a palavra. O secretário-geral saudou a multidão com o mesmo "iehiehie!" utilizado por Savimbi. E falou: "Tive uma discussão muito entusiasmante com Jonas Savimbi. Posso dizer que hoje é um dia muito importante para Angola e para o povo angolano".

Delirio no comício. Cá em baixo, o animador repetiu a palavra de ordem escrita num pano ao correr da varanda: "Quem manda na nossa terra?" "Nós, nós, nós",

respondia o comício.

Savimbi fez um gesto, o homem do chapéu, os tambores e os militantes calaram-se, Annan pôde continuar. "Hoje decidimos dar esse passo final e decisivo para a formação do GURN. Acredito que a paz está finalmente aqui". Terminou com um "Viva Angola! Paz para Angola!"

Savimbi pegou de novo as rédeas da multidão, discursou em ovimundu e incendiou os galos de milhares de bandeiras: "Viva África! Viva Angola! Viva a UNITA!"

"Trei a Luanda quando re-

solvermos todos os problemas", afirmou Savimbi à imprensa. Sobre as sanções previstas pelo Conselho de Segurança da ONU, Savimbi respondeu que "nunca houve sanções contra a UNITA. Porque maître Beye (representante-especial de Kofi Annan) sempre defendeu que não devia punir-se ninguém" e porque o mesmo entendimento, segundo o líder do Galo Negro, é partilhado por Annan — que há menos de uma semana culpou sobretudo o movimento de Savimbi pelos atrasos no processo de paz, no último relatório sobre Angola.

Tudo acabou de repente, como tinha começado nesta visita ao Bailundo: uma correria desenfreada pelas ruas da vila até ao aeroporto, em viaturas que ignoraram o sinalizador da avenida principal, com uma comitiva apinhada de seguranças e militantes que se despejou na pista de terra.

"O nosso galo voa! Savimbi é o nosso guia!", cantaram ainda em volta do avião de Annan dezenas de homens e mulheres (vestindo panos com o retrato de Savimbi), enquanto o secretário-geral se despedia do ocupante do grande carro presidencial blindado com um tigre de porcelana (dos que abanam sempre a cabeça) no tablier. Do comício restavam também as faixas, que não deixaram muito espaço à visita do dia. "A paz faz-se com a UNITA nunca contra a UNITA" ou "O dr. Savimbi é a chave para a paz em Angola".

De volta a Luanda, Kofi Annan encontrou-se com o primeiro-ministro, participou numa sessão especial da Comissão Conjunta e jantou com o Presidente angolano no Fungo de Belas. Termina hoje a sua visita a Angola — com ou sem a Assembleia Nacional completa. ■

Continuação da pág. anterior

## Kofi triste na cidade calada

alterado, de modo a incluir a visita ao Bailundo, prevista para a parte da manhã, enquanto de tarde o visitante deverá ser recebido em Luanda pelo Presidente José Eduardo dos Santos e pelo primeiro-ministro. França Van-Dunem.

### "Angola é um avião"

Todos saíram à rua no Cuíto — uma força de expressão aqui, cidade de casas a céu aberto, arrasada até ao absurdo, até ao fim. As crianças sobrelotaram as poucas árvores da praça, pendurando-se em cachos para assistir, e os civis espalhavam-se em volta do lago do jardim, forrado a azulejo sem água.

A frente do palco, na pri-

meira fila da assistência, os homens em triciclo. Atrás, duas filas com dezenas de mutilados em formatura, uma impressionante e silenciosa parada de muletas, bengalas e calças com as pernas em nó cego. "Feridos de guerra querem a paz", dizia um estandarte.

"O mundo sabe que dezenas de milhares de habitantes do Cuíto perderam a vida pelas balas, pela fome, pelas minas e pelas doenças", entre Janeiro e Outubro de 1993 e novamente nos meses de guerra em 1994.

Kofi Annan acrescentou que nenhum dos muitos relatórios sobre a guerra no Cuíto o preparou para o que viu. "Foi uma triste experiência constatar a devastação com os meus olhos"

Para o secretário-geral das

Nações Unidas, "foi especialmente triste constatar tanta gente mutilada pela guerra". Mas estar no Cuíto "não foi só deprimente mas também enojoso. Constatei o início da reabilitação da cidade desde que a guerra acabou e testemunhei que o povo do Cuíto tem a determinação de reconstruir as suas vidas".

Com Kofi Annan, no palco, o ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio de Moura, a titular da pasta da Cultura, Ana Paula das Neves, o governador provincial, os comandantes, as patentes, os titulares. À esquerda da praça, os sobas dentro dos uniformes de azeitona-parda. À direita, usando a carroçaria de um camião, uma banda local, os "Okangalo", cantara antes da chegada

de Annan a melancolia de um "original", "Angola é um avião".

Depois, desabou uma grande bátega de água e o visitante ficou a falar para pouco mais de uma centena de pessoas, enquanto as restantes fugiam para os destroços da cidade mais martirizada da guerra civil entre os angolanos, cidade onde há quatro anos teriam morrido umas 25 mil pessoas.

O secretário-geral contactou os capacetes azuis brasileiros que fazem parte da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem III), mas já não teve condições — devido ao temporal — de seguir para o Huambo, outra cidade que tanto sofreu com as hostilidades entre as forças governamentais e as da UNITA. ■

Kofi Annan terminou visita a Angola sem a posse da bancada da UNITA nem do Governo de Unidade

# A paz pela culatra

PÚBLICO, 26-3-97

Do nosso enviado  
Pedro Rosa Mendes  
em Luanda

**Kofi Annan queria ver o Parlamento completo e a posse do GURN. Nem um nem outra. A UNITA faltou à promessa da véspera. Mas os deputados do Galo Negro sentaram-se na assembleia, pela primeira vez desde 1992. "Virou-se uma página." Kofi brindará onde estiver. Com a consolação do "catalisador".**



Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, deixou Luanda sem ver cumpridos os seus principais desejos em relação ao processo angolano e à sua visita: a bancada da UNITA completa no Parlamento e a formação do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN). Mas meia centena de representantes da UNITA sentaram-se na Assembleia Nacional — "um virar de página".

A UNITA não cumpriu a promessa feita na véspera no Bailundo pelo presidente do partido, Jonas Savimbi, ao secretário-geral da ONU: a presença em Luanda, até à manhã de ontem, dos deputados que faltam para completar a bancada do Galo Negro no Parlamento angolano.

Isaias Samakuva, chefe da delegação da UNITA na Co-

missão Conjunta (CC), explicou ao PÚBLICO que "razões logísticas" impediram a chegada à capital de todos os deputados, alguns deles dispersos por diferentes pontos do território. Nem todos se encontravam no Bailundo de forma a poder apanhar bem cedo o voo especial que a Unavem III realizou: há alguns no Andulo (Bié), Jamba (Cuando Cubango), nas províncias do Móxico e da Huíla e no Negaje (Uíge).

Ontem acabaram por chegar apenas quatro deputados (voaram nove, mas cinco já se encontravam antes na capital) e dois dos membros indigitados para o GURN provenientes do Bailundo seguiram no voo da noite para Lisboa. Mesmo no contexto da visita de Kofi Annan, terça-feira foi um dia demasiado igual aos outros no marca-passo do processo de paz, com a contagem bizantina de quantos já estão (os 52 de Isaias Samakuva, os

58 de Annan?), de quantos vieram, de quantos já estavam, de quantos faltam, pela enésima vez.

Seja qual for o número, não foi o suficiente para Annan. O secretário-geral, segundo soube o PÚBLICO, não foi ao aeroporto esperar o grupo da UNITA — como anunciara com solenidade no Bailundo —, à falta da comunicação da vinda de todo o grupo.

Kofi Annan recordaria mais tarde aos jornalistas que o Conselho de Segurança "esperava" que o GURN fosse formado até 31 de Março, uma data que o secretário-geral aceitou enfim como inverosímil. "Talvez seja possível" haver GURN este mês, mas Annan vai propor ao CS "uma extensão técnica do mandato [da Unavem] por 15 dias" para dar tempo à orga-

Continua na pág. seg.

Moçambique desmente venda da ilha de Santa Carolina

PÚBLICO, 25-3-97

## "O paraíso não está à venda"

José Pinto de Sá,  
em Maputo

**Um empresário sul-africano pôs à venda, por 3,5 milhões de dólares, a ilha de Santa Carolina, estância paradisíaca na costa moçambicana. As autoridades de Maputo dizem que nada sabem, mas garantem que a ilha não é do boer e que já lhe deram ordem de expulsão. Só que ele não sai.**

A ilha de Santa Carolina, no arquipélago de Bazaruto, é um dos recantos mais belos do litoral moçambicano. Ergue-se do azul do Índico a dez quilómetros da costa de Inhambane, sobre um recife de coral riquíssimo em peixe e tartaruga, um dos raros locais do mundo onde ainda existem dugongues.

Quem primeiro apostou nas

potencialidades turísticas da ilha foi Joaquim Alves, dinâmico colono português, que ali construiu um hotel e uma pista de aterragem na década de 60. Sob a administração colonial, a ilha recebia grande número de turistas sul-africanos e rodésianos.

Depois da independência, os bens das Organizações Joaquim Alves, entretanto falecido, foram parar às mãos do Banco Popular de Desenvolvimento (BPD). À semelhança de outras empresas nacionalizadas ou intervencionadas, o complexo turístico entrou em acentuada decadência. As relações tensas com o "apartheid" e a instabilidade causada pela guerra civil tinham entretanto reduzido o turismo praticamente a zero.

Veio a paz e o FMI, com uma vaga de reprivatizações quase tão expeditivas como haviam sido as nacionalizações. O BPD abriu um concurso, ganho pelo sul-africano Richard Makin, que em troca dos direitos de exploração se comprometeu a realizar as obras de reabilitação e a respeitar o estatuto da ilha como reserva natural.

Richard Makin mudou o nome da ilha de Santa Carolina para

Paradise Island e começou a organizar a vinda de turistas da África do Sul, em voos directos de avio-neta que frequentemente não chegavam ao conhecimento dos serviços moçambicanos de migração. Quanto a investimento, nada. O hotel e os "bungalows" precisam de obras e a pista de aterragem está em mau estado. Para além de uma pintura, Makin pouco mais terá feito, na opinião do BPD, que lhe deu ordem de expulsão com o pleno apoio do Ministério do Turismo.

"Richard Makin está a denegrir a imagem de Moçambique", disse uma fonte ministerial. "Manda vir estrangeiros a Santa Carolina quando o hotel não reúne um mínimo de condições de alojamento." A mesma fonte garantiu que o administrador local já recebera ordens para evacuar da ilha o sul-africano e a sua equipa, mas o tempo vai-se arastando e Makin continua a gerir o complexo turístico com uma impunidade que lança suspeitas de corrupção sobre as autoridades distritais.

No entanto, talvez por receer uma eventual escalada de

pressões, Richard Makin pôs a ilha à venda por 3,5 milhões de dólares (cerca de 595 mil contos), segundo notícia veiculada há dias pela Reuter. Esta informação não terá chegado a Maputo, onde o pedido de confirmação pelo PÚBLICO apanhou de surpresa o porta-voz do Ministério do Turismo. Dois dias depois, porém, foi peremptório. "É pura mentira", disse Rafael Nambale. Garantindo que a ilha não está à venda nem poderia estar, e muito menos por Makin, já que o único proprietário do complexo turístico continua a ser o BPD.

O caso de Santa Carolina assemelha-se a muitos outros ocorridos no país desde o fim da guerra civil. Empresários sul-africanos tomaram de assalto as mais interessantes estâncias de turismo no litoral sul, que tinham sido abandonadas durante o conflito, e estão a geri-las muitas vezes à margem da legalidade, apesar dos protestos da concorrência local. "Os boeres estão a sacar tudo e ninguém os impede", queixou-se um operador moçambicano. "Isto é mesmo a república das bananas." ■



Continuação da pag. anterior

# A paz pela culatra

nização da cerimónia.

"Por causa dos atrasos, não terei ocasião de estar presente na posse do GURN, mas penso que demos um importante passo. Quando o Governo for formado, onde eu estiver — em África, América ou Europa — ergurei uma taça de champanhe pela paz em Angola, comemorando a reconciliação". Kofi Annan gostaria, entretanto, que a sua passagem por Angola "servisse de catalisador" para o processo de paz.

## Os abismos da catástrofe

"O povo angolano acabou de fazer uma viragem de extrema importância na sua história pós-colonial", declarou Kofi Annan perante a sessão especial da Assembleia Nacional. "Angola recuou dos abismos da catástrofe, abandonou o trilho da guerra", como testemunha, segundo o secretário-geral, a presença naquela sala de deputados dos 12 partidos, pela primeira vez desde as eleições de 1992.

Kofi Annan pediu aos angolanos que "reforcem esta paz frágil", frisando que "a paz traz alegria mas também implica trabalho árduo". Com

o fim do conflito, acrescentou, "surtem novas responsabilidades" e "vozes que antes eram silenciadas vêm ao de cima para ser ouvidas". As vozes das viúvas, dos órfãos, dos esfomeados e deslocados não podem ser ignoradas por mais tempo" mas sim "ouvidas para que se possa construir a nova nação".

Kofi Annan não esqueceu que em antevésperas da formação do GURN "há demasiadas tarefas por cumprir". A situação ainda é sensível no terreno, com atrasos no dossier militar (na selecção, incorporação e desmobilização) e situações graves em algumas províncias (violações de cessar-fogo e banditismo). "Vinte e oito meses depois de Lusaca, apesar de termos entrado na fase final, temos que admitir que [a conclusão] é difícil".

Foi mais fácil do que se poderia esperar a convivência, na mesma sala, dos deputados do MPLA e da UNITA. João Lourenço, secretário da Informação do partido no Governo e líder parlamentar, não deixou de reparar que "eles [da UNITA] estavam aqui um pouco como convidados, porque ainda não toma-

ram posse".

Mas era "uma situação pela qual esperávamos há anos, desde que eclodiu o conflito pós-eleitoral" de 1992, afirmou João Lourenço ao PÚBLICO no fim da sessão. "Infelizmente só hoje isso foi possível, mas antes tarde do que nunca. É muito bom, vamos lutar para que não se volte para trás nunca mais". Para João Lourenço, a paz angolana "pode considerar-se em princípio irreversível porque a UNITA declarou que já não tem forças armadas. Quem faz a guerra são exércitos. Há um exército nacional único e esse exército não vai lutar contra si próprio".

"Fizemos um gesto", considerou por seu turno uma das figuras mais importantes da bancada da UNITA, Abel Chivukuvuku, "um sinal ao secretário-geral e à comunidade internacional, que está tão envolvida no processo, de que nós queremos tornar a paz efectiva".

Foi bom, para Chi-

vukuvuku — que em Novembro de 1992 foi ferido e detido em Luanda —, entrar naquela sala. "No fundo, as pessoas hoje foram-se descobrindo, com antigos amigos, antigos colegas".

Depois da sessão parlamentar, Kofi Annan lançou o Apelo Consolidado Inter-Agências das Nações Unidas para Angola, solicitando à comunidade internacional que "continue a dar o seu contributo generoso" durante este ano. Generosidade pedida: 228,4 milhões de dólares.

Este montante destina-se a responder às imensas necessidades humanitárias de Angola e a providenciar um quadro de transição para a reabilitação nacional e a reconstrução. O alvo são os 1,2 milhões de deslocados dentro do país e os 300 mil refugiados em países vizinhos como o Zaire, Zâmbia e a Namíbia. Ao todo, três milhões de angolanos foram afectados pela guerra e precisam de ajuda de emergência enquanto não forem ressuscitadas as estruturas de comércio, a livre circulação e a produção agrícola de base. ■

## cacimbos da paz

### Amor nos tempos de mina

MANUEL ficou pela primeira vez o olhar solteiro de Isabela no mercado do Huambo. Ela estava a vender fuba e ele, sem saber, a comprar o destino. Ele é mutilado da perna direita. Ela é mutilada da perna esquerda. "Disse-lhe: preciso mesmo de ti. Gostas de mim?"

Isabela calou, mas para o efeito já tinha sido abastada: "Puxámos ao lado, num domingo, conversámos um bocadinho." Uma semana depois estavam juntos. "É só sorriso. Gostou, sim."

Foi em 1983 que Manuel Cabinda, que habitualmente fazia a guerra dentro de um

blindado das FAPLA, pisou uma mina antipessoal em Menongue, no Cuando Cubango. A primeira mulher abandonou-o e ele calculou o andar da vida fazendo as contas aos pés: "Mulher com duas pernas vai me gozar. Prefiro mutilada mesmo." Isabela Kanguia foi, por isso, um bom partido: a 10 de Junho de 1988 tinha pisado uma mina quando caminhava para as lavras.

Manuel e Isabela tiveram dois filhos. Miguel, que faleceu cedo ("mas foi vivo e portanto também conta") e Manuel Graça, dois anos, barrigudo de fome, talvez de malária, que urina em pé pelos calções abaixo, perante a ternura dos pais. Vivem por estes dias na impensável Casa de Mutilados de Menongue em Luanda, onde Manuel espera a pri-

meira prótese e Isabela espera substituir a sua por uma nova.

A Casa, fundada e gerida pelo padre João Bosco (nasceu como Cooperativa Bembua, para apoiar a agricultura, mas a guerra alterou a prioridade das carências), com as religiosas mexicanas de Maria Menina, recebe mutilados de Menongue (crianças e mulheres também) que vêm das Terras do Fim do Mundo para conseguir uma prótese. Cerca de 30 de cada vez, que ficam por um período de três meses no Coreia (um musseque na saída sul de Luanda). Espalham-se pela casa e anexos, estendidos entre a rede dos galinheiros e a ferrugem de um jipe jazente, sob um cheiro asfiziante e carreiros de água quente, no cimento enegrecido pelo sol, as papas de feijão e arroz forçadas pelo

PAM (que quer suspender a ajuda), sob o castanholhar seco de pés com passos de madeira e o mugir de um "tijolo" sem caixa exterior, que se liga por instinto carregando no sistema nervoso de botões e fios.

O tratamento de cada mutilado de Menongue num dos dois centros ortopédicos de Luanda custa em média 600 dólares ("avião, calçado, cola, gesso e comida"). Se a assistência fosse prestada em Menongue custaria metade, mas segundo o administrador da Casa, Joaquim, "as organizações como o Handicap dizem que não há lá mutilados que justifiquem". O Cuando Cubango, segundo dados oficiais, é precisamente a província que tem mais: 20 mil esperam a desmobilização. ■ P.R.M.

Wilfried Martens e Marcelo Rebelo de Sousa apadrinham

# União de Partidos Populares Africanos

PÚBLICO, 26-3-97

O PARTIDO Popular Europeu (PPE), presidido pelo antigo primeiro-ministro belga Wilfried Martens, tenciona apadrinhar em Julho, aquando de uma reunião na Namíbia, uma União de Partidos Populares Africanos (UPPA), como primeiro passo para um eventual Partido Popular Africano a criar a médio prazo, mas que por enquanto ainda não é viável.

O Movimento para a Democracia (MpD), do primeiro-ministro cabo-verdeano, Car-

los Veiga, o PAIGC, de Nino Vieira, e o MLSTP PSD, que foi de Manuel Pinto da Costa e de Carlos Graça, são alguns dos grupos com que Martens e o seu amigo português Marcelo Rebelo de Sousa contam para a UPPA, segundo este último disse ontem ao PÚBLICO no fim de um simpósio sobre o tema que se realizou na cidade do Porto.

Aliás, o ministro cabo-verdeano dos Negócios Estrangeiros, Amílcar Spencer Lopes, foi já um dos oradores oficiais

naquele fórum sobre "A Democratização da África", a que compareceram o secretário executivo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, Marcolino Moco, os eurodeputados Eurico de Melo e Lucas Pires, entre outros, e um antigo secretário de Estado da Cooperação, Briosa e Gala. Este último encontra-se já mobilizado para representar a direcção dos sociais-democratas portugueses na tomada de posse do governo angolano de reconciliação, se tal cerimónia

por acaso se verificar durante os próximos oito dias.

"Para uma paz durável em África é fundamental promover o desenvolvimento durável, investir na valorização dos recursos humanos e fazer com que os processos de democratização em curso sejam bem sucedidos e se generalizem", destacou Lopes, que estava acompanhado por um dos seus an-

Continua na pag. seg.

Angola

PÚBLICO, 28-3-97

# Deputados da UNITA no Registo Civil



Grande parte dos deputados da UNITA presentes em Luanda entregaram ontem os seus dados a um oficial do Registo Civil, para lhes serem fornecidos documentos de identificação. Em grupos de dez, os deputados sentaram-se perante o livro de registos, dentro de uma divisão de vidro que já foi uma casa de câmbios nos melhores anos do hotel Panorama. Contaram datas e locais de nascimento, casamentos e divórcios, moradas e regimes de bens — e o oficial fez fé, por-

que a guerra consumiu muitos arquivos de paróquia por Angola fora.

Com o registo feito, ser-lhes-á entregue uma cédula que mais tarde, condimentada com duas fotos, dará acesso a um bilhete de identidade. Mais tarde ainda, depois de tomarem posse na Assembleia Nacional, os mesmos deputados passarão a ter um passaporte diplomático — para viajar, por exemplo, até Portugal e resolver as suas vidas, depois de quatro anos fora da capital.

Quando é que isso é, não se sabe: ontem, mais uma vez, a

chegada dos mais de 10 deputados que faltam foi anunciada e desmarcada. Talvez hoje.

Entretanto, o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, comunicou ao Conselho de Segurança confiar em que seja possível estabelecer no futuro próximo o Governo angolano de Unidade e Reconciliação Nacional. Só que, na presente situação, futuro próximo tanto poderá significar daqui a 10 dias como daqui a 15.

No relatório que enviou ao Conselho, o qual a partir do dia 1 de Abril será presidido pelo embaixador português António

Monteiro, Annan declara que ainda são necessários alguns passos corajosos por parte do Estado angolano e da UNITA para que se complete o complicado processo de paz.

O mandato da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (Unavem III), que expirava no fim de Março, deverá agora ser prorrogado segunda-feira até 15 de Abril, "dada a incerteza quanto à data exacta da tomada de posse do Governo de Unidade e Reconciliação". ■

Do nosso enviado  
Pedro Rosa Mendes, em Luanda

## Sara Ocidental Guiné-Bissau congela relações

PÚBLICO,  
29-3-97

A GUINÉ-BISSAU decidiu congelar as suas relações diplomáticas com a República Árabe Sarauí Democrática (RASD), depois de ter chegado à conclusão de que "não faz sentido prosseguir com o reconhecimento de um país que

não tem território", segundo fonte próxima do Governo de Manuel Saturnino da Costa, divulgou a agência Lusa. O Conselho de Estado, presidido por João Bernardo Vieira, "Nino", pronunciou-se recentemente a favor da suspensão das relações diplomáticas com a RASD, proclamada em 27 de Fevereiro de 1976 pela Frente Polisário, mas que apenas controla uma pequena faixa fronteiriça do Sara Ocidental, junto à Argélia.

A maior parte do território

sariano ocidental encontra-se há mais de 17 anos sob ocupação do reino de Marrocos, que em 1991 estabeleceu um cessar-fogo com a Polisário, na perspectiva de o conflito entre as duas partes vir a ser regularizado por intermédio de um referendo, sob a égide das Nações Unidas. Mas a organização de tal referendo tem-se revelado altamente difícil, fazendo com que a causa sarauí vá perdendo grande parte do impacto que teve no fim da década de 70. ■

Não deixe de assinar

**ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS**

É fácil.

É só ligar  
(021) 531-2636

Continuação da pág. anterior

### Unidades de Partidos Populares Africanos

tecessores, José Tomás Veiga, irmão do primeiro-ministro.

"A democratização em ses da área social-democrata, Cavaco Silva e Durão Barroso.

"A democracia em África vai depender de muitas outras democratizações. E até mesmo a Europa ainda não tem meios para só por si assegurar a democratização no seu próprio continente", dependendo mu-Africa passa necessariamente pela resolução da questão da dívida externa dos países africanos, pelo menos da dos mais pobres", sublinhou o ministro, que tinha a seu lado na mesa o presidente do PPE, o chefe da oposição portuguesa e o editor da secção africana de "Economist" londrino, Richard Dowden.

"Será que o multipartidarismo é o melhor para África?" chegou a interrogar-se um antigo ministro são-tomense, Manuel Vaz, do MLSTP, actualmente a tirar um doutoramento em Sociologia na Universidade de Coimbra, e que teceu grandes elogios a dois ex-governantes portu-  
guese-

vezes do apoio norte-americano, considerou por seu turno Lucas Pires, que ao querer referir as dificuldades da construção de um Estado de Direito chegou — perante o sorriso de Marcelo — a deixar escapar a gaffe "Estado de direita".

Seguidamente, falou-se do projecto socialista de uma cimeira euro-africana, para dar mais força à cooperação entre os dois continentes vizinhos, e o presidente do PSD português esclareceu que, em princípio, apoia tal proposta querida a Jaime Gama, "embora de vez em quando tenha muito medo de ideias de política-espectáculo", como na sua opinião esta corre o risco de ser.

O fórum sobre a democratização em África decorreu no âmbito do conselho do PPE desde segunda-feira realizado no Porto, conselho esse que apoiou a ambição de Chipre se tornar membro da União Europeia e sublinhou a importância de a NATO estabelecer parcerias com a Rússia e a Ucrânia. ■

Jorge Hoálv

NOTÍCIAS AFRICANAS é uma publicação do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, do Conjunto Universitário Candido Mendes. Edição: Equipe do Programa de Estudos Africanos (Beluce Bellucci, Edson Borges, José Maria Nunes Pereira, Marcelo Bittencourt e Roquinaldo Ferreira). Produção Gráfica: Hamilton Magalhães Neto. Correspondências devem ser encaminhadas à Sociedade Brasileira de Instrução - Centro de Estudos Afro-Asiáticos 97 - Rua da Associação 10, Conjunto 501 - SEP 20119-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil - Tel. (021) 531-2000; Ramal 259, e 531-2636. We ask for exchange.

IMPRESSO